



DO TEATRAL AO CINEMATográfico: O PROCESSO DE A CASA DAS LEMBRANÇAS

Camila Borges dos Santos¹
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Cândice Moura Lorenzoni²
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo: O relato de experiência que segue trata de um projeto de cinco mulheres, atrizes, formadas em Teatropela Universidade Federal de Santa Maria, atuantes no mercado de trabalho por mais de dez anos. Mulheres que foram construindo suas trajetórias profissionais de diferentes maneiras. Neste trabalho, reuniram-se a partir do desejo e necessidade de vivenciar um processo artístico maduro, a fim de mobilizar lembranças, escavar nas memórias recortes de tempo, embalados pelos afetos do vivido, e a partir disso articular um processo de pesquisa teatral. Foi criado assim o grupo intitulado Coletivo *Fabulare* - Histórias e Memórias, que teve o projeto aprovado na Lei de Incentivo a Cultura Municipal de Santa Maria/ LIC-SM e apoio da TV OVO/ SM. O processo se estendeu por mais de um ano em busca de uma composição de imagens e palavras, que falassem por nós e de nós. Um processo que de teatral, passou a ser cinematográfico.

Palavras-Chave: Casa; Memórias; Histórias.

TATEAR PELOS VESTÍGIOS: O INÍCIO DO PROCESSO

A sala de um velho sobrado com uma iluminação parca, onde as sombras da luz das velas projetam nas paredes, contornos de mulheres que estão a costurar panos diversos, como colchas e lençóis. Uma cantiga suave é entoada por uma delas, que em outro cômodo prepara um chá.

Essa foi a primeira imagem, a matriz de um rascunho imagético de um grupo de mulheres que um dia desejou se unir e montar um espetáculo teatral. As paredes gastas, o aroma do chá, o som acalorado de uma voz familiar que cantarola uma velha

¹ Artista professora, Dr^a em Educação pela UFSM e professora do Departamento de Artes Cênicas-UFSM

² Artista professora, Dr^a em Educação pela UFSM e professora do Departamento de Artes Cênicas-UFSM



canção com palavras, talvez desconhecidas, sinalizavam lá no fundo das nossas lembranças, a raiz nas casas das nossas infâncias. A canção de Vitor Ramil fez coro ao nosso acervo imagético ao dizer: “[...] eu plantado no alto em mim, contemplo a ilusão da casa. As imagens descem como folhas enquanto falo. Eu sei o tempo é o meu lugar, o tempo é minha casa” (RAMIL, 2000). Então, o nosso desejo de trazer essas escrituras da memória para um tempo e espaço teatral era o que estava latente naquele momento. Estávamos buscando construir uma casa que coubesse nossa vontade de criar.

As palavras de Eliane Brum (2016) também foram inspiração para que construíssemos a poética para uma obra artística.

A desmemória assombra porque não a nomeamos, respira em nossos porões como monstros sem palavras. A memória, não. É uma escolha do que esquecer e do que lembrar- é uma oportunidade de ressignificar o passado para ganhar um futuro. Pela memória nos colocamos não só em movimento, mas nos tornamos o próprio movimento. Gesto humano, para sempre incompleto. (Eliane Brum 2014, p. 45)

Assim, nossos movimentos nos levaram a criar A Casa das Lembranças em agosto de 2019. Avistávamos criar um espetáculo teatral que fosse apresentado em um sobrado antigo, que possibilitasse uma atmosfera singular e intimista, onde as histórias e as memórias fossem compartilhadas com um pequeno público, como se este fosse as paredes da casa.

Neste trabalho fomos percebendo as nossas motivações pessoais para o desenrolar do processo. Desta maneira uma de nós assumiu a direção e as demais atuaram. O princípio de tudo foi o desejo de nos encontrarmos pela criação artística e a partir de muitas rodas de conversa, percebemos que o fio entre nós era a memória, como movimento e como um entre lugar entre a lembrança e o esquecimento.

Vislumbrávamos fazer um trabalho criativo que pudesse dar vazão para que,



o passado e o presente fizessem uma dança. A nossa escolha foi fazer um espetáculo teatral tendo como premissa a história de quatro mulheres que vivem num velho sobrado, neste lugar, as mulheres, enquanto esperam uma visita de muito longe, vão contando histórias onde se revelam o dom da cura, o conhecimento das ervas medicinais, entremeadas com canções da infância e lembranças de entes queridos. A Casa das Lembranças passa a ser o grande abrigo da solidão. A partir de um olhar intimista e introspectivo, as personagens revelam suas características e fragilidades, questionando o sentido da existência, contam e cantam seus medos, suas frustrações.

A expectativa de começar com os ensaios práticos foi frustrada pela chegada da pandemia no ano de 2020. Não imaginávamos que ficaríamos impedidas de nos encontrar por um período tão extenso. Deste modo decidimos fazer encontros online, que foram semanais e por vezes quinzenais a partir do mês de maio do mesmo ano.

Para esses encontros foi necessário criar uma metodologia de trabalho a fim de cercar nossos objetivos e anseios de uma montagem teatral.

Ao decidirmos dar continuidade e perseguir a ideia de fazermos uma montagem teatral foi preciso começar de algum ponto. Foram criados então, pela diretora, os círculos de lembranças que consistiu em as atrizes trazerem histórias para os encontros. Foram divididos em três círculos denominados pequeno, médio e grande. No que se refere ao pequeno círculo, cada atriz era motivada a trazer uma história de alguém da família. Essa história deveria ser contada em terceira pessoa. O médio círculo consistiu em trazer para o grupo uma história de uma pessoa fora do círculo familiar e a proposta do grande círculo foi trazer uma história da literatura. A partir disso começamos a perceber as ressonâncias e também as recorrências das histórias. Também fez parte desse momento do processo, gravar um áudio que foi enviado por WhatsApp, falando o porquê da escolha da história. A partir daí começaram a surgir perguntas como: Quais as possibilidades de criação dessas histórias oportunizavam?



Como as atrizes se veem na relação com o que foi narrado? Também foi importante notar no desenrolar do processo que “Lembrar não significa fidelidade aos fatos como eles realmente aconteceram. Lembrar está ligado ao imaginar, ampliar, omitir” (LOPES, 2010 p. 137). Essas histórias foram fundamentais para a criação do material textual do trabalho, o qual ainda no final de 2020 optamos por transformar em um curtametragem, visto que não seria possível realizar um espetáculo para apresentação empúblico.

A partir daí, continuamos trabalhando sobre os círculos de lembranças filtrando o que cada atriz gostaria de trazer para seu próprio círculo em termos de imagens e palavras, objetos e figurinos. A criação era individual e ao mesmo tempo coletiva, pois era essencial que todos os elementos que comporiam a dramaturgia estivessem em sintonia. Qual história as histórias contariam?

Neste sentido, nos debruçamos sobre a criação do roteiro artístico (ações e diálogos), para posteriormente criar o roteiro técnico (planos de filmagem). E assim fomos chegando nessa grande roda de histórias, roupas de uma avó, objetos de um pai, foto de uma geração de uma família, uma canção de infância. Tudo foi sendo devidamente costurado e foi compondo a nossa casa, A Casa das Lembranças.

Sendo assim, com uma equipe reduzida devido a pandemia, realizamos as filmagens do curta metragem nos meses de junho e julho de 2021, em parceria com a TV OVO/ Santa Maria e financiado pela Lei de Incentivo a Cultura Municipal de Santa Maria/ LIC-SM, na qual tivemos o projeto aprovado ainda no ano de 2019. No momento o trabalho está em fase de finalização, com previsão de estreia para novembro deste ano.



Referências:

BRUM, E. *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. São Paulo, LeYa, 2014.

LOPES, B. *A performance da memória*. Revista Sala Preta, 2010- p. 135 à 144.

RAMIL, V. *A ilusão da casa*. Álbum Tambong- 2000.